

*BOSWELL: O ócio é fatigante.*

*JOHNSON: Isso acontece, caro senhor, porque estando os demais ocupados, nos falta companhia; mas se todos fossem ociosos, nunca nos aborreceríamos; passaríamos o tempo a entreter-nos uns aos outros.*



Nos dias de hoje, quando todos sentimos a obrigação, sob pena de nos vermos condenados *in absentia* pelo delito de lesa-respeitabilidade, de laborar em alguma actividade lucrativa com um zelo próximo do entusiasmo, qualquer clamor da facção oposta, dos que se contentam com o suficiente e preferem ficar à parte a observar, terá sempre o seu quê de fanfarronice. E no entanto não deveria ser assim. O chamado ócio, que não consiste em não fazer nada mas sim em fazer muitas das coisas não reconhecidas pelas formulações dogmáticas da classe dominante, tem tanto direito a afirmar a sua posição como o próprio trabalho. É comumente aceite que a existência dos que recusam participar na grande corrida dos vinténs é ao mesmo tempo um insulto e um desencanto para os que o fazem. O homem de bem (e tantos se vêem por aí) pega na sua determinação, vota nos vinténs e, como diz o enfático colo-

qualismo, «faz-se à vida»<sup>1</sup>. E quando um destes vai avançando penosamente pela vida fora, não é difícil compreender o seu ressentimento quando vislumbra a pessoa tranquilamente estendida no prado à beira do caminho, com um lenço por cima das orelhas e um copo ao alcance da mão. A indiferença de Diógenes tocou o ponto fraco de Alexandre. De que servia a glória de conquistar Roma, quando os bárbaros tumultuosos irromperam pelo Senado e ali encontraram os Patriarcas, sentados em silêncio, insensíveis ao seu triunfo? É doloroso ter laborado tanto e transposto os mais árduos obstáculos para chegar ao fim e encontrar a humanidade indiferente ao nosso êxito. Daí que os médicos condenem os não-médicos; que os financeiros mostrem apenas uma tolerância superficial pelos que nada sabem de acções; que as gentes literárias desprezem os iletrados; e que pessoas de todas as ocupações se aliem para menosprezar as que com nada se ocupam.

Mas embora esta seja uma das dificuldades do tema, não é a maior. Não podem enviar para a prisão quem fala contra o trabalho, mas podem enviar

---

<sup>1</sup> No original, «goes for», descrito como um «americanismo». (N. T.)

para Coventry<sup>2</sup> quem fala como um tolo. A maior dificuldade, seja qual for o assunto, é falar do mesmo com competência; recorde, portanto, que se trata aqui de uma apologia. É certo que muito pode ser dito com justiça a favor do trabalho; mas também há algo que pode ser dito contra, e é isso que eu, na presente ocasião, pretendo fazer. Formular um argumento não é o mesmo que ignorar todos os outros, e o facto de um homem ter escrito o relato de uma viagem a Montenegro não é motivo para acreditar que o mesmo homem nunca pôs os pés em Richmond.

É absolutamente inquestionável que devemos ser bastante ociosos na juventude. Pois embora, aqui e ali, um Lord Macaulay possa sair da escola mantendo todas as suas faculdades intactas<sup>3</sup>, a maioria dos rapazes paga um preço tão elevado pelas meda-

---

<sup>2</sup> Expressão idiomática britânica que significa ostracizar alguém. (N. T.)

<sup>3</sup> Alusão à ideia falaciosa, e ainda hoje popular, de que muitas das pessoas que se distinguem intelectualmente enquanto adultos tiveram carreiras escolares mediócras — e vice-versa. Thomas Macaulay (1800-1859), historiador, ensaísta e político britânico, e criança celeberrimo precoce, é proposto por Stevenson como excepção a essa «regra». (N. T.)

lhas precoces que conquista, que nunca mais volta a ter uma oportunidade, «e começa a vida na bancarrota». E o mesmo se aplica durante a altura em que um rapaz se educa a si próprio, ou permite que outros o eduquem. Deve ter sido muito tonto aquele ancião que dirigiu a Samuel Johnson em Oxford as seguintes palavras: «Jovem, agora é a altura para te agarrares aos livros com diligência, e adquirires conhecimentos; pois quando os anos se acumularem irás descobrir que ler se torna uma tarefa fastidiosa.» O cavalheiro não parece ter dado conta que muitas outras tarefas além da leitura se tornam fastidiosas, e algumas impossíveis, quando um homem se vê forçado a usar óculos e é incapaz de caminhar sem bengala. Os livros têm a sua utilidade, mas são um pobre substituto para a vida. É um desperdício ficar à espera, como a Senhora de Shalott<sup>4</sup> em frente ao espelho, de costas voltadas a todo o encanto e rebuliço da realidade. E o homem que muito lê, como diz o velho ditado, vai ter pouco tempo para pensar.

---

<sup>4</sup> Alusão à figura central de um poema de Tennyson. (N. T.)